

Que nem para morrer há um lugar

Os livros estearam a sua solidão e a voz foi sóbria. A escrita uma depuração de séculos, que os anos não se contam tão depressa. E uma atenção precisa, dorida, ao que de filigrana existe na volúvel e incerta condição humana.

Da tia Ondina guardo, outrossim, a voz grave, simultaneamente longínqua e quente, a transparência das mãos e do olhar, o perfume do chá ao correr da noite. Guardo as serpentes e o corpo translúcido das osgas. As janelas altas onde se demorava a lua. O bulício dourado do Natal, o comboio nocturno em que partia. Guardo ainda a voraz tenacidade dos seus olhos, o riso de menina, passos de pássaro sobre a vida em torno.

Com ela aprendi que nem todas as palavras são iguais. Que se distinguem tanto pela textura como pelo aroma, às vezes ainda, quando colhidas no limiar da noite, pelos fios de silêncio que atravessam. Ou por tudo aquilo que não dizem.

Com ela habitei a espessura da Terra quando o meu corpo era pequeno e os olhos tudo viam por dentro. Ensinou-me que só o longe é perto e que não somos nós feitos de raízes mas de vento. Que nem para morrer há um lugar. Que os dias acumulados são inúteis. A força gravítica uma impostura.

Por isso anotou, no papel acetinado de um caderno barato, entre os poucos poemas que guardou,

*Cheguei ao Oriente e a alma
súbito desabrochou em flor rara,
clara, transparente.*

*Sensitiva flor, tão frágil, tão nua,
que a crestam os ventos de qualquer jardim.*

Vivia em Macau então, nos primeiros anos da década de 60. E depois ainda,

*- Oh, quem ma arrancasse, ébria de lua,
E a desse de presente a um mandarim*

Um dia, quando escrever se tornara já uma ardência amarga, que até a solidão lhe consumia, quiseram explicar-lhe ser um negócio o tempo, mundana cerimónia a literatura. Ela, porém, muda, quase invisível. Sabia-se parte dessa espera imensa onde as mulheres perduram, e seus olhos luzentes se mediam:

Eu morri há muito tempo

ando morta pela rua.

E, no entanto,

*Morri num dia de vento,
de tufão no sul da China.
Um dia de lembramento
como outra vez nascimento
como outra vez ser menina.*

Quando, muitos anos mais tarde, eu próprio em Macau, este poema em mim, uma vertigem. Deixara-a, dias antes, tão doente já, quase sem voz, o olhar perdido para dentro de si própria.

E num repente, escavada a pele desaparecida da cidade, o casario. O velho que amestrava pássaros. O menino que a guiava no Porto Interior. A esquina do Colégio de Santa Rosa de Lima. O clube dos oficiais onde dançava aos Sábados. As alunas chinesas e suas confidências. O incenso a arder nos umbrais dos prédios.

Uma vertigem, pois, quase um remorso, em mim. A consciência súbita de que ali terminava um lugar imaginário de onde o Verão partia. E com ele a infância, e essa invulnerabilidade à morte que a sustenta.

Vinda do mar, então, a tempestade. A tia Ondina, julgo tê-la escutado ainda no vórtice do tufão. Dias seguidos sem sair de casa. As árvores descarnadas. Macau desaparecendo sobre a água alada. Ela morrendo no outro lado do mundo:

*Sem passado nem futuro
não me encontro medição.
E o gesto é nulo e puro
como conceber do escuro
como dar passos sem chão.*

Não foram os anos fáceis nem sem tumulto o vento. E no entanto nunca seu coração se esvaziou.

luís soares barbosa

posfácio a *e fico só e falo com as sombras*,
Outubro, 2016.